

No Rio, a sede do desperdício

DANIELA SCHUBNEL

Reduzida simbolicamente à expressão *Senadinho*, desde a inauguração de Brasília, a representação do Senado no Rio de Janeiro nada tem de pequena. Ocupa dois andares inteiros do Edifício Niterói, construção recuada do Complexo do Itamarati, no Centro da Cidade, onde funcionam repartições do Ministério das Relações Exteriores e o Museu Histórico Diplomático.

Soma, ao todo, cerca de 20 salas, ou mais de 200 metros quadrados. Com um detalhe: um dos andares está completamente vazio. Para sustentar a única razão de sua existência — atender aos

senadores em suas viagens nacionais e internacionais —, o *Senadinho* mantém ainda uma Sala Vip no Galeão.

Além de abrigar hoje cerca de 70 funcionários somente para este fim — com folha de pagamento beirando os R\$ 100 mil —, a representação do Senado não paga um centavo ao Ministério das Relações Exteriores pelo uso de suas instalações. De acordo com os cálculos de um funcionário do Itamarati, dos R\$ 5 mil de energia elétrica e R\$ 2 mil de água consumidos por mês, cerca de 30% correspondem ao *Senadinho*.

Os quatro departamentos em que se divide a representação —

direção, transportes, divulgação e serviços — são herança do Palácio Monroe, antiga sede do Senado Federal. Resquícios dos 197 anos em que o Rio foi a capital do país. Das 10 salas que existiam no Monroe, a representação reduziu-se a apenas uma, de 30 metros quadrados, logo depois da transferência.

Mas, com a chegada à sua direção de um ex-faxineiro do Itamarati, Deusdedit Miranda, transferido para os quadros do Senado graças a muitos conhecimentos, o *Senadinho* logo alcançou grande prestígio junto aos donos do poder, conseguindo os dois andares no Itamarati.